Português

Sintaxe - Estilística - Recursos Sintáticos - [Fácil]

01 - (EFOA MG)

Assinale a alternativa em que há quebra de paralelismo GRAMATICAL:

a) É preciso que os jovens encontrem um motivo especial para se apaixonarem pela ciência.

b) Para tal, seria necessário que os cientistas igualmente fossem contadores de estórias, inventores de mitos, presenças mágicas.

c) O flautista de Hamelin atraía crianças e adolescentes porque era feiticeiro e sua flauta era encantada.

d) As coisas não acontecem por acaso: toda iniciação contém uma magia, um encontro de amor, um deslumbramento no olhar...

e) A motivação é importante por ser daí que nascem as grandes paixões e porque é daí que vem a disciplina.

02 - (UNIFOR CE)

Encontra-se uma relação explicativa em:

a) *baixei uma medida provisória lá em casa: tolerância zero em prestação!*

b) *palavras do inglês são uma necessidade – perdão, um must.*

c) *dei muita volta para cair de novo no mesmo táxi do começo da crônica.*

d) *fiquei curioso por saber do motorista se estava bom o movimento.*

e) *arrematou em bom som: – Está em viés de baixa, doutor.*

03 - (PUC MG)

Examine as sentenças abaixo e, depois, assinale a alternativa CORRETA.

I. Não estou * sentindo bem desde o almoço.

II. Deitei * antes das 19 h e só acordei agora.

III. Matei * sem dó nem medo.

IV. Alegrei * a todos com a notícia.

V. Dizem que vivo queixando * da vida.

a) Em todas as sentenças poderia ser inserido, no lugar do asterisco, o pronome me.

b) Em III e V, a inserção do pronome me no lugar do asterisco não alteraria o sentido original das sentenças.

c) Em I, II e IV, a inserção do pronome me no lugar do asterisco alteraria o sentido original das sentenças.

d) Em três das sentenças, a inserção do pronome me no lugar do asterisco estaria adequando-as à norma culta escrita.

e) Em quatro das sentenças, a inserção do pronome me no lugar do asterisco estaria eliminando a possibilidade de ambigüidade.

04 - (PUC MG)

A “voltagem” lírica dos textos de Clarice, tal como aponta o comentário, materializa-se freqüentemente pela utilização de certos recursos de linguagem.

Em todas as passagens, extraídas dos contos de *Laços de Família*, identificou-se corretamente o recurso em destaque nas opções abaixo, **EXCETO**:

a) “(...) de longe o ônibus começava a tornar-se incerto e vagaroso, vagaroso e avançando, cada vez mais concreto – até estacar no seu rosto em fumaça e calor, em calor e fumaça.” ➔ repetição de fonemas e de palavras.

b) “O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio.” ➔ utilização de imagens metafóricas.

c) “Em outro apartamento uma senhora teve tal perversa ternura pela pequenez da mulher africana que – sendo tão melhor prevenir que remediar – jamais se deveria deixar Pequena Flor sozinha com a ternura da senhora.” ➔ associação paradoxal de termos.

d) “Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha.” ➔ ruptura da estruturação sintática da frase.

05 - (UFRR)

Leia o texto e responda a questão a seguir:

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que, quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranqüilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que, convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro. Veja, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

Assinale o item INCORRETO em relação ao texto:

a) A expressão "devido ao" (l. 5) indica relação sintática de causa.

b) O pronome "ele" (l. 3) se refere a "deputadocartola" (l. 1).

c) O substantivo "jogador" (l. 5) se refere a "um craque" (l. 3).

d) O agente dos verbos "Comunicou" (l. 6) e "sonegou" (l. 8) é o mesmo dos verbos "disse" (l. 2), "vendeu" (l. 2) e "teve" (l. 3).

e) As palavras "trabalhão" (l. 4) e "apertos" (l. 11) contribuem para conferir informalidade ao texto.

06 - (PUCCamp SP)

Considere o texto apresentado abaixo.

Isso tudo se passou conosco. (...)

Nos caminhos jazem dardos quebrados;

Os cabelos são espalhados.

Destelhadas estão as casas,

Incandescentes estão os muros.

Vermes abundam por ruas e praças.

E as paredes estão manchadas de miolos arrebentados.

Vermelhas estão as águas, como se alguém as tivesse tingido,

E se a bebíamos, eram águas de salitre.

Golpeávamos os muros de adobe em nossa ansiedade

e nos restava por herança uma rede de buracos.

Nos escudos esteve nosso resguardo, mas os escudos não detêm a desolação.

Temos comido pães de colorim [árvore venenosa],

temos mastigado grama salitrosa,

pedaços de adobe, lagartixas, ratos, e terra em pó e mais os vermes. (...)

(Miguel León-Portilla. **A conquista da América Latina vista pelos índios**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p.41)

Nesses versos, notam-se os seguintes recursos estilísticos:

I. repetição de um mesmo padrão sintático, como em *Destelhadas estão as casas, Incandescentes estão os muros, Vermelhas estão as águas*;

II. ritmo bem compassado, em virtude da regularidade métrica dos versos;

III. manutenção de um sujeito indeterminado, de modo a revestir de mistério a autoria das ações narradas.

Atende ao enunciado SOMENTE o que está em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

07 - (UNIOESTE PR)

“Eu acredito firmemente que os jovens devem ingressar na política, até mesmo como um gesto de sacrifício pela nação”. *Alain de Botton*, em entrevista à Revista *Filosofia*, nº 36, 2012.

Marque a alternativa correta.

a) *Eu acredito* é um recurso linguístico de caráter isento, usado com o objetivo de manipular o leitor.

b) O uso do verbo *acredito* implica numa tomada de posição por parte da revista que publicou a entrevista.

c) *firmemente* poderia ser substituído no enunciado por *duramente*, pois os termos definem uma mesma postura.

d) *ate mesmo* é um recurso linguístico que introduz um argumento para a defesa do ponto de vista do autor exposto na primeira parte do enunciado.

e) A presença do modalizador *firmemente* expressa a postura flexível do autor, ao se posicionar sobre o fato de os jovens pouco se interessarem pelos assuntos da nação.

08 - (UNIOESTE PR)

"Não li a reportagem completa, porque é claro, não sou assinante da Veja, e não tenho ido ao dentista, que parece ser o único lugar onde você ainda encontra a revista, então vou analisar somente o que foi divulgado aqui".

José Luiz Berg, em comentário sobre a capa da Revista *Veja*, edição 2272 (publicada em seu *blog*).

Sobre o enunciado, é correto afirmar que

a) *você*, no enunciado, cumpre o papel de manter uma aproximação entre Berg e o leitor virtual.

b) o advérbio *aqui* poderia ser substituído por *Veja*, já que se trata de um indicador do espaço de onde se fala.

c) *você* engloba o autor do enunciado, possíveis interlocutores do blog e qualquer pessoa que frequente um consultório dentário ou não.

d) ele denigre a imagem dos dentistas que assinam a *Veja*, que poderiam ser vistos como maus profissionais devido à escolha por aquela revista.

e) seu meio de divulgação (um *blog*) não merece crédito algum, pois pontos de vista pessoais só podem ser expressos por fontes autorizadas pelo próprio veículo de comunicação sobre o qual se fala.

09 - (PUCCamp SP)

As palavras finais do conto "Teoria do medalhão", de Machado de Assis, são as seguintes: "Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o ***Príncipe*** de Machiavelli. Vamos dormir." Em tais palavras pode-se identificar o seguinte recurso literário bastante explorado por Machado:

a) Citar autores que nenhuma importância poderiam ainda ter na época em que escreveu.

b) Estabelecer um vínculo entre teses de autores clás sicos e situações domésticas do cotidiano.

c) Dirigir-se ao leitor para acusá-lo de uma falta grave, para diminuí-lo e incriminá-lo.

d) Valer-se da retórica clássica para fugir ao tom coloquial e ao realismo de uma situação.

e) Reproduzir textualmente versos de um grande poeta para apoiar uma tese indefensável.

10 - (ENEM)

As mãos de Ediene

Ediene tem 16 anos, rosto redondo, trigueiro, índio e bonito das meninas do sertão nordestino. Vaidosa, põe anéis nos dedos e pinta os lábios com batom. Mas Ediene é diferente. Jamais abraçará, não namorará de mãos dadas e, se tiver filhos, não os aconchegará em seus braços para dar-lhes o calor e o alimento dos seios da mãe. A razão é simples: Ediene não tem braços. Ela os perdeu numa maromba, máquina do século passado, com dois cilindros de metal que amassam barro para fazer telhas e tijolos numa olaria. Os dedos que enche de anéis são os dos pés, com os quais escreve, desenha e passa batom nos lábios. Ela é uma das centenas de crianças mutiladas todos os anos, trabalhando como gente grande em troca de minguados cobres.

UTZERI, F. As mãos de Ediene. Jornal do Brasil,
Caderno B, 2 dez. 1999 (adaptado).

Os recursos estilísticos de um texto servem para torná-lo esteticamente mais eficaz. Em As mãos de Ediene, o autor alcança esse objetivo ao coordenar adjetivos no 1.° período. Tal procedimento busca

a) despertar no leitor, desde o início, simpatia pela menina.

b) chamar a atenção para problemas do sertão nordestino.

c) despertar o interesse do leitor pela maromba.

d) valorizar a situação vivida por Ediene.

e) revelar problemas de ordem social.

11 - (ENEM)

Quando Rubem Braga não tinha assunto, **ele** abria a janela e encontrava um. Quando não encontrava, dava no mesmo, **ele** abria a janela, olhava o mundo e comunicava que não havia assunto. Fazia isso com tanto engenho e arte que também dava no mesmo: a crônica estava feita. Não tenho nem o engenho nem a arte de Rubem, mas tenho a varanda aberta sobre a Lagoa — posso não ver melhor, mas vejo mais. [...] Nelson Rodrigues não tinha problemas. Quando não havia assunto, **ele** inventava. Uma tarde, estacionei ilegalmente o Sinca-Chambord na calçada do jornal. **Ele** estava com o papel na máquina e provisoriamente sem assunto. Inventou que eu descia de um reluzente Rolls Royce com uma loura suspeita, mas equivalente à suntuosidade do carro. Um guarda nos deteve, eu tentei subornar a autoridade com dinheiro, o guarda não aceitou o dinheiro, preferiu a loura. Eu fiquei sem a multa e sem a mulher. Nelson não ficou sem assunto.

CONY, C. H. **Folha de S. Paulo**. 2 jan. 1998 (adaptado).

O autor lançou mão de recursos linguísticos que o auxiliaram na retomada de informações dadas sem repetir textualmente uma referência. Esses recursos pertencem ao uso da língua e ganham sentido nas práticas de linguagem. É o que acontece com os usos do pronome “ele” destacados no texto. Com essa estratégia, o autor conseguiu

a) confundir o leitor, que fica sem saber quando o texto se refere a um ou a outro cronista.

b) comparar Rubem Braga com Nelson Rodrigues, dando preferência ao primeiro.

c) referir-se a Rubem Braga e a Nelson Rodrigues usando igual recurso de articulação textual.

d) sugerir que os dois autores escrevem crônicas sobre assuntos semelhantes.

e) produzir um texto obscuro, cujas ambiguidades impedem a compreensão do leitor.

12 - (ENEM)

Cientistas solucionam origem de partículas de água em Saturno

O telescópio espacial Herschel resolveu um problema que ficou sem solução durante 14 anos. A origem dos vapores de água na atmosfera superior de Saturno encontra-se nas partículas que saem de uma de suas luas, a Enceladus, e chegam até o planeta.

A descoberta faz com que a Enceladus torne-se conhecida, a partir de agora, como a única lua do Sistema Solar capaz de influenciar a composição química do planeta que orbita.

O volume despejado a cada segundo não é pouco. A Enceladus chega a expelir aproximadamente 250 kg de vapores de água que se formam na região polar sul. Desse total, uma parte é perdida no espaço e entre 3% a 5% deslocam-se até Saturno.

O fenômeno, de certo modo, pôde ser compreendido graças ao avanço da tecnologia. Os astrônomos não conseguiram detectá-lo até o momento por causa da transparência dos vapores. Coube às ondas infravermelhas do Herschel esse encargo e achado.

A primeira vez que um telescópio da ESA (Agência Espacial Europeia) detectou água na atmosfera superior de Saturno foi em 1997.

Um texto é construído pela articulação dos vários elementos que o compõem. Tal articulação pode se dar por meio de palavras ou de expressões que remetem a outras ou, ainda, a segmentos maiores já apresentados ou a serem ainda apresentados no decorrer do texto.

A análise do modo como esse texto foi construído revela que a expressão

a) “um problema” (ℓ. 1) remete o leitor para “A origem dos vapores de água na atmosfera superior de Saturno” (ℓ. 3), segmento que se encontra na frase seguinte.

b) “A descoberta” (ℓ. 7) retoma “um problema que ficou sem solução durante 14 anos.” (ℓ. 1), segmento que aparece na primeira frase do texto.

c) “O volume despejado” (ℓ. 11) retoma “a composição química do planeta que orbita.” (ℓ. 9), segmento apresentado na frase imediatamente anterior.

d) “O fenômeno” (ℓ. 17) remete o leitor para “transparência dos vapores” (ℓ. 20), segmento que é apresentado na frase seguinte.

e) “esse encargo e achado” (ℓ. 21) retoma “avanço da tecnologia” (ℓ. 18), segmento presente na porção anterior do texto.

13 - (ENEM)

Era uma vez

Um rei leão que não era rei.

Um pato que não fazia quá-quá.

Um cão que não latia.

Um peixe que não nadava.

Um pássaro que não voava.

Um tigre que não comia.

Um gato que não miava.

Um homem que não pensava...

E, enfim, era uma natureza sem nada.

Acabada. Depredada.

Pelo homem que não pensava.

Laura Araújo Cunha

CUNHA, L. A. In: KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.

São as relações entre os elementos e as partes do texto que promovem o desenvolvimento das ideias. No poema, a estratégia linguística que contribui para esse desenvolvimento, estabelecendo a continuidade do texto, é a

a) escolha de palavras de diferentes campos semânticos.

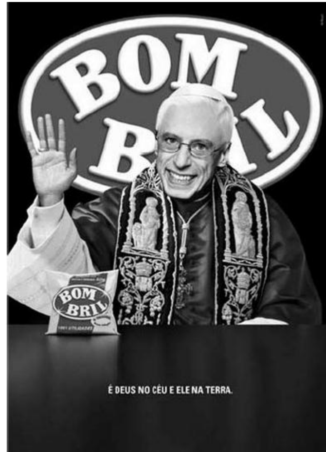
b) negação contundente das ações praticadas pelo homem.

c) intertextualidade com o gênero textual fábula infantil.

d) repetição de estrutura sintática com novas informações.

e) utilização de ponto final entre termos de uma mesma oração.

14 - (IBMEC SP)



Disponível em: http://imagens.us/marcas/bombril/bombril%20(1).jpg.
Acesso:30/09/2015

O *slogan* dessa propaganda explora, por meio do emprego do pronome "ele",

a) algumas das semelhanças entre o trabalho religioso e o ato de limpar a casa.

b) a dupla referenciação do pronome, que pode remeter ao papa e ao produto.

c) um descompasso intencional entre os elementos verbais e não verbais do anúncio.

d) uma ambiguidade que coloca "Deus" e a palha de aço no mesmo nível de importância.

e) a polissemia da marca, que, por metonímia, costuma indicar todas as palhas de aço.

15 - (UNIRG TO)

Pendurada na Ucrânia

A ordem direta dos termos na frase contribui para a clareza da mensagem, mas há casos em que pode gerar perplexidade. O site G1, da Globo, publicou esta curiosa manchete em junho:

“Mulher cai do 8o andar, mas fica pendurada pelo vestido na Ucrânia”. Pendurada na Ucrânia? Dá o que pensar.

(MACHADO, Josué. Dito & escrito. Revista Língua Portuguesa, São Paulo, Ed. Segmento, n. 84, p. 51, out. 2012. Adaptado.)

A ambiguidade gerada na frase decorre:

a) Da utilização do adjunto adverbial “na Ucrânia” após o termo “vestido”.

b) Do emprego da forma verbal “pendurar” no presente: “pendurada”.

c) Do emprego da conjunção adversativa “mas”.

d) Da utilização da forma verbal “ficar” no presente: “fica”.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 16

O FORTE

As amuradas, plantadas no chão, fecham o pátio. Os corredores são galerias adentro dos paredões de pedra, levam aos antigos depósitos e às prisões, estabelecem as comunicações entre os alojamentos. No centro, bem no centro, a terra nua. Quase um castelo assim em seu tamanho, altas suas torres de vigia, deve pesar como uma montanha. Erguendo-se na colina, quadrado pelos muros que sobem, vê as ladeiras, as ruas, as praças. E, muito embaixo, o mar de saveiros e o oceano aberto. Os canhões enferrujados, para o mar, voltados já estiveram. Poder-se-ia dizer, e sem mentir, que a Bahia cresceu com ele.

Largos são os passeios que o rodeiam e neles a multidão passa durante o dia, descendo e subindo, o ar cheio de barulho. Caminho de muitos, as ladeiras saindo dos quatro cantos, sua

sombra escurece os sobrados de azulejos. O portão, na verdade uma cancela gigantesca, range quando se abre. Por cima, nas manhãs de domingo, saíam os cantos dos sinos de sua capela. É possível vê-la, encostada ao pátio, ameaçando cair. Baixa, as paredes esburacadas, as telhas partidas. E por cima também escapavam, nos velhos tempos, as ordens das cornetas, os rumores das marchas, as algazarras do rancho.

A terra nua, no pátio, tem a cor do cobre. Sustenta, porém, as três árvores. Espalhadas, os troncos grossos, ganharam altura. Levantam-se como se o Forte fosse um convento, tranqüilas, moradia de pássaros. Os ventos altos, vindos do mar, não têm forças para agitá-las. E, no verão, sua sombra é pouso. Faz bem vê-las, assim nos recantos, folhas cobrindo o chão. O pico da colina está coberto. A carcaça imensa, o labirinto por dentro, torres e colunas, os fundos alicerces plantados na rocha. Construído aos pedaços, alargando-se e subindo, sua dureza fere os olhos. O ar, porém, é livre. E abriga, quando o vento não falta, os cheiros da Bahia. Os torreões aprumados, como braços erguidos, apontam o céu de estrelas e paz.

(ADONIAS FILHO, O Forte.)

16 - (FESO RJ)

"Os canhões enferrujados, para o mar, voltados já estiveram." (§1)

A oração está na ordem:

a) inversa

b) impessoal

c) direta

d) proporcional

e) incorreta

TEXTO: 2 - Comum à questão: 17

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

– E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

– Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de idéia.

– E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

– Macabéa.

– Maca – o quê?

– Bea, foi ela obrigada a completar.

– Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

– Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo – parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor – pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

– Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

– Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Clarice Lispector, **A hora da estrela**.

17 - (FUVEST SP)

No trecho que vai de “Eu também acho esquisito” a “eu vinguei... pois é...”, o autor se vale, para traduzir o estado emocional de Macabéa, do seguinte recurso expressivo:

a) omissão de vírgulas entre orações.

b) emprego reiterado de frases nominais.

c) falta de rigor na concordância verbal.

d) eliminação da maioria dos conectivos entre as orações.

e) uso de regências verbais inadequadas.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 18

AS SEM-RAZÕES DO AMOR

Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.

Porque amor é amor a nada,

feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,

e da morte vencedor,

por mais que o matem (e matam)

a cada instante de amor.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Corpo. Rio de Janeiro: Record, 2002.)

18 - (UERJ)

Na terceira estrofe do poema, verifica-se um movimento de progressão textual que reitera as razões para o amor. Essa progressão está caracterizada pela repetição do seguinte procedimento lingüístico:

a) construção frasal em ordem indireta

b) estrutura sintática em paralelismo

d) pontuação com efeito retórico

d) rima como recurso fonológico

TEXTO: 4 - Comum à questão: 19

Balada do Rei das Sereias

O rei atirou

Seu anel ao mar

E disse às sereias:

– Ide-o lá buscar,

Que se o não trouxerdes,

Virareis espuma

Das ondas do mar!

Foram as sereias,

Não tardou, voltaram

Com o perdido anel.

Maldito o capricho

De rei tão cruel!

O rei atirou

Grãos de arroz ao mar

E disse às sereias:

– Ide-os lá buscar,

Que se os não trouxerdes,

Virareis espuma

Das ondas do mar!

Foram as sereias

Não tardou, voltaram,

Não faltava um grão.

Maldito o capricho

Do mau coração!

O rei atirou

Sua filha ao mar

E disse às sereias:

– Ide-a lá buscar,

Que se a não trouxerdes,

Virareis espuma

Das ondas do mar!

Foram as sereias...

Quem as viu voltar?...

Não voltaram nunca!

Viraram espuma

Das ondas do mar.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.)

19 - (UERJ)

Em Balada do rei das sereias, Manuel Bandeira faz uso de diferentes inversões sintáticas.

O verso que não contém inversão sintática encontra-se transcrito em:

a) “– Ide-o lá buscar,” (v. 4)

b) “Que se o não trouxerdes,” (v. 5)

c) “Foram as sereias,” (v. 8)

d) “Sua filha ao mar ” (v. 26)

TEXTO: 5 - Comum à questão: 20

Coqueiros

4 de dezembro de 1945

[1]A chuva encharca as telhas podres dos casebres, retalha o chão escuro e incerto, enche os valos e vai formar poças trêmulas em torno às hortas magras, cercadas com restos de velhas tarrafas.

A estrada parece um rio de barro, onde os bois atolam os cascos; e o mar, espesso e [5]ondulante, tem largas sujeiras avermelhadas, junto à praia oblíqua e saturada, e por onde passam, de vez em vez, vultos apressados de mãos nos bolsos.

As névoas úmidas esfumam os contornos, Um ou outro grasnar de gaivota raspa o ar enxovalhado. A vida se diluiu em água e neblina. Uma tristeza envelheceu a paisagem.

Entardece.

[10]A chuva continua a cair, fria e poeirenta, de grandes céus moles e chatos.

Homens e algas, de Othon d'Eça, p. 168.

20 - (UDESC SC)

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) De "enche os valos e vai formar poças trêmulas em torno às hortas magras, cercadas com restos de velhas tarrafas." (ref. 1), depreende-se a imagem de região litorânea carente.

b) Em "Uma tristeza envelheceu a paisagem" (ref. 5), o autor busca passar uma imagem monótona e desbotada do bairro, descolorido pela chuva.

c) No excerto (ref. 5) há predominância de orações redigidas na ordem direta.

d) Na oração "A vida se diluiu em água e neblina" (ref. 5), o autor faz referência à vida da comunidade pesqueira, uma vez que o cotidiano desta se cruza, na maior parte do tempo, com a água.

e) O acento grave da crase é eliminado em "junto à praia oblíqua e saturada" (ref. 5), se a expressão destacada for substituída por *a linha*.

TEXTO: 6 - Comum à questão: 21

Carioca da gema

[1]Carioca, carioca da gema seria aquele [2]que sabe rir de si mesmo. Também por isso, [3]aparenta ser o mais desinibido e alegre dos [4]brasileiros. Que, sabendo rir de si e de um [5]tudo, é homem capaz de se sentar no meio [6]fio e chorar diante de uma tragédia.

[7]O resto é carimbo.

[8]Minha memória não me permite [9]esquecer. O tio mais alto, o meu tio-avô [10]Rubens, mulherengo de tope, bigode frajola, [11]carioca, pobre, porém caprichoso nas roupas, [12]empaletozado como na época, empertigado, [13]namorador impenitente e alegre e, pioneiro, a [14]me ensinar nos bondes a olhar as pernas [15]nuas das mulheres e, após, lhes oferecer o [16]lugar. Que havia saias e pernas nuas nos [17]meus tempos de menino.

[18]Folgado, finório, malandreco, vive de [19]férias. Não pode ver mulher bonita, [20]perdulário, superficial e festivo até as [21]vísceras. Adjetivação vazia... E só idéia [22]genérica, balela, não passa de carimbo.

[23]Gosto de lembrar aos sabidos, [24]perdedores de tempo e que jogam conversa [25]fora, que o lugar mais alegre do Rio é a [26]favela. É onde mais se canta no Rio. E, aí, o [27]carioca é desconcertante. Dos favelados [28]nasce e se organiza, como um milagre, um [29]dos maiores espetáculos de festa popular do [30]mundo, o Carnaval.

[31]O carimbo pretensioso e generalizador [32]se esquece de que o carioca não é apenas o [33]homem da Zona Sul badalada – de [34]Copacabana ao Leblon. Setenta e cinco por [35]cento da população carioca moram na Zona [36]Centro e Norte, no Rio esquecido. E lá, sim, o [37]Rio fica mais Rio, a partir das caras não [38]cosmopolitas e se o carioca coubesse no [39]carimbo que lhe imputam não se teriam [40]produzido obras pungentes, inovadoras e [41]universais como a de Noel Rosa, a de Geraldo [42]Pereira, a de Nélson Rodrigues, a de Nélson [43]Cavaquinho... Muito do sorriso carioca é [44]picardia fina, modo atilado de se driblarem os [45]percalços.

[46]Tenho para mim que no Rio as ruas [47]são faculdades; os botequins, universidades. [48]Algumas frases apanhadas lá nessas bigornas [49]da vida, em situações diversas, como [50]aparentes tipos-a-esmo:

[51]“Está ruim pra malandro” – o [52]advérbio até está oculto.

[53]“Quem tem olho grande não entra na [54]China.”

[55]“A galinha come é com o bico no [56]chão.”

[57]“Tudo de mais é veneno.”

[58]“Negócio é o seguinte: dezenove não [59]é vinte.”

[60]“Se ginga fosse malandragem, pato [61]não acabava na panela.”

[62]“Não leve uma raposa a um [63]galinheiro.”

[64]“Se a farinha é pouca o meu pirão [65]primeiro.”

[66]“Há duas coisas em que não se pode [67]confiar. Quando alguém diz ‘deixe comigo’ ou [68]‘este cachorro não morde’.”

[69]“Amigo, bebendo cachaça, não faço [70]barulho de uísque.”

[71]“Da fruta de que você gosta eu como [72]até o caroço.”

[73]“A vida é do contra: você vai e ela [74]fica.”

[75]Como filosofia de vida ou não, [76]vivendo em uma cidade em que o excesso de [77]beleza é uma orgia, convivendo com belezas [78]e mazelas, o carioca da gema é um dos [79]poucos tipos nacionais para quem ninguém é [80]gaúcho, paraibano, amazonense ou paulista.

[81]Ele entende que está tratando com [82]brasileiros.

(João Antônio. Ô, Copacabana)

21 - (UECE)

Marque a opção que completa corretamente o que segue: Na expressão inicial do texto – “Carioca, carioca da gema” –, a repetição de “carioca” empresta a esse vocábulo um(a)

a) cunho intensivo.

b) caráter pejorativo.

c) ressonância sarcástica.

d) feição irônica.

TEXTO: 7 - Comum à questão: 22

"O ex-prefeito de Juiz de Fora Carlos Alberto Bejani é mesmo um fenômeno. Em pleno Brasil do ano de 2008, onde tão pouca gente chega a se meter em algum problema mais sério, de verdade, por cometer atos de delinqüência na vida pública, ele conseguiu ser preso duas vezes seguidas, entre abril e junho. Para começar, deixou-se pegar em flagrante, naquele tipo de cena que hoje em dia se tornou um clássico da nossa política: recebendo pacotes de dinheiro vivo, em valor um pouco acima de 1,1 milhão de reais, numa gravação com imagem e som. Ficou catorze dias na cadeia e foi solto, como acontece sempre: e, como acontece sempre, tudo deveria ir acabando por aí. Neste caso, porém, nem mesmo a incomparável proteção que as leis e a justiça brasileira oferecem a gente como o ex–prefeito foi suficiente para mantê-lo solto. O documento que ele apresentou para justificar a origem do dinheiro – a já tradicional venda de uma 'fazenda', variante da venda de bois, cavalos etc. – foi considerado falso. Diante de sua absoluta falta de cuidado com o que dizia enquanto era gravado, ficou claro que o dinheiro lhe fora entregue em troca da concessão de diversos aumentos no preço das passagens municipais de ônibus. Contra todas as expectativas, o homem teve de voltar ao presídio."

(GUZZO, J. R. Agravo x embargo. *Veja*, São Paulo,

25 jun. 2008. Seções, p. 140)

22 - (UFAC)

Em "Contra todas as expectativas, o homem teve de voltar ao presídio", a oração se encontra estrategicamente colocada em que posição e com que objetivo semântico?

a) a oração se apresenta antes do adjunto adverbial para determinar a ênfase na expectativa de uma real punição.

b) a oração se apresenta antes do adjunto adverbial para reforçar a sagacidade do ex-prefeito.

c) a oração se apresenta após o adjunto adverbial para finalizar uma situação que poderia ter sido revertida.

d) a oração se apresenta após o adjunto adverbial para consolidar o irreversível da situação.

e) a oração se apresenta após o adjunto adverbial para criar uma expectativa quanto ao destino do sujeito.

TEXTO: 8 - Comum à questão: 23

— Não refez então o capítulo? – indagou ela logo que entrei.

— Oh, não, Miss Jane. Suas palavras abriram-me os olhos.

Convenci-me de que não possuo qualidades literárias e não quero insistir – retruquei com ar ressentido.

— Pois tem de insistir – foi sua resposta (...) Lembre-se do esforço incessante de Flaubert* para atingir a luminosa clareza que só a sábia simplicidade dá. A ênfase, o empolado, o enfeite, o contorcido, o rebuscamento de expressões, tudo isso nada tem com a arte de escrever, porque é artifício e o artifício é a cuscuta** da arte. Puros maneirismos que em nada contribuem para o fim supremo: a clara e fácil expressão da idéia.

— Sim, Miss Jane, mas sem isso fico sem estilo ...

Que finura de sorriso temperado de meiguice aflorou nos lábios da minha amiga!

— Estilo o senhor Ayrton só o terá quando perder em absoluto a preocupação de ter estilo. Que é estilo, afinal?

— Estilo é ... – ia eu responder de pronto, mas logo engasguei, e assim ficaria se ela muito naturalmente não mo definisse de gentil maneira.

— ... é o modo de ser de cada um. Estilo é como o rosto: cada qual possui o que Deus lhe deu. Procurar ter um certo estilo vale tanto como procurar ter uma certa cara. Sai máscara fatalmente – essa horrível coisa que é a máscara ...

— Mas o meu modo natural de ser não tem encantos, Miss Jane, é bruto, grosseiro, inábil, ingênuo. Quer então que escreva desta maneira?

— Pois perfeitamente! Seja como é, e tudo quanto lhe parece defeito surgirá como qualidades, visto que será reflexo da coisa única que tem valor num artista – a personalidade.

*Gustave Flaubert (1821–1880), escritor realista francês considerado um dos maiores do Ocidente.

** planta parasita.

(Monteiro Lobato, *O presidente negro*.)

23 - (UFSCar SP)

Na frase — *Estilo o senhor Ayrton só o terá ...*, Lobato usa um recurso de ênfase que consiste em

a) deixar uma informação subentendida.

b) fazer uma comparação paralela.

c) relacionar muitas idéias ao mesmo tempo.

d) iniciar a oração com um termo que se repete depois.

e) empregar o verbo em um tempo pretérito.

TEXTO: 9 - Comum à questão: 24

Mistério

À Memória do pequeno Alberto

Sei que tu'alma carinhosa e mansa
Voou, sorrindo, para o Azul celeste;
Sei que teu corpo virginal descansa
Aqui da terra n'um cantinho agreste.

Tudo isto sei: mas tu não me disseste

Se lá no Céu, na pátria da Esperança,

Ou aqui no mundo, à sombra do cipreste,

Deixaste o coração, loura criança!

Desceu acaso como corpo à terra

Ele tão puro e que só a luz encerra?

Não creio nisso e ninguém crê decerto...

Enquanto, eu cismo que, num vale ameno,

Talvez o seio de um jasmim pequeno

Sirva de berço ao coração de Alberto.

Macaíba – março de 1895

SOUZA, Auta de. *Horto*, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009. P.82.

24 - (UFRN)

Observando os elementos estilístico-formais do poema, que se configura como um soneto, é correto afirmar que

a) a terceira estrofe, por ser terminada em reticências, sugere o tom indignado do poema.

b) a construção baseada em oposições entre o corpo e a alma reflete o aspecto ambíguo do menino morto.

c) a última estrofe traz uma conclusão que permite relacionar o par *corpo-coração* à oposição *cantinho agreste-vale ameno*.

d) a grande variedade de sinais de pontuação imprime ao poema um caráter de modernidade.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 25

[1] Neste exato instante em que seus olhos passam por estas linhas, está ocorrendo um pequeno milagre da tecnologia. Não, [2] não estou falando do computador nem da transmissão de dados pela internet, mas da boa e velha leitura, inventada pela primeira [3] vez cerca de 5.500 anos atrás. Para nós, leitores experimentados, ela parece a coisa mais natural do mundo, mas isso não passa [4] de uma ilusão. Ler não apenas não é natural como ainda envolve cooptar uma complexa rede de processos neurológicos que [5] surgiram para outras finalidades.

[6] Acho que dá até para argumentar que a escrita é a mais fundamental criação da humanidade. Ela nos permitiu ampliar [7] nossa memória para horizontes antes inimagináveis. Não fosse por ela, jamais teríamos atingido os níveis de acúmulo, [8] transmissão e integração de conhecimento que logramos obter. Nosso modo de vida provavelmente não diferiria muito daquele [9] experimentado por nossos ancestrais do Neolítico.

[10] A conclusão é que, de alguma forma, conseguimos adaptar nosso cérebro de primatas para lidar com a escrita. Para [11] Stanislas Dehaene (matemático e neurocientista francês), operou aqui o fenômeno da reciclagem neuronal, pelo qual processos [12] que surgiram para outras funções foram recrutados para a leitura. A coisa funcionou tão bem que nos tornamos capazes de ler [13] com proficiência e rapidez, obtendo a façanha de absorver a linguagem através da visão, algo para o que nosso corpo e mente [14] não foram desenhados.

[15] Antes de continuar, é preciso qualificar um pouco melhor esse "funcionou tão bem". É claro que funcionou, tanto que me [16] comunico agora com você, leitor, através desse código especial. Mas, se você puxar pela memória, vai se lembrar de que teve de [17] aprender a ler, um processo que, na maioria esmagadora dos casos, exigiu instrução formal e vários anos de treinamento até [18] atingir a presente eficiência.

[19] Enquanto a aquisição da linguagem oral ocorre, esta sim, naturalmente e sem esforço (basta jogar uma criança pequena [20] numa comunidade linguística qualquer que ela "ganha" o idioma), a escrita/leitura precisa ser ensinada e praticada.

21 As dificuldades não são poucas. Começam nos olhos (só conseguimos ler o que é captado pela fóvea) e se estendem por 22 todo o tecido neuronal. Um problema particularmente interessante é o da invariância. Como o cérebro faz para concluir que A, a, a, 23 a, a são a mesma letra, apesar dos diferentes desenhos? Pior, mesmo quAnDo fazemos uma sopa de fontes e mIsturAmos 24 TuDo, continuamos DECIFRANDO A MENSAGEM com pouca perda de velocidade.

(Adaptado de SCHWARTSMAN, Hélio. Conversando com os mortos.
Folha de S. Paulo. 14 jun. 2012.)

TEXTO: 11 - Comum à questão: 25

Sobre quem gosta de ler

Quando você vê alguém lendo um livro, presencia uma pessoa às voltas com uma grande exigência. A palavra escrita o põe na parede: pede a ele uma interação e manda às favas a passividade. A leitura fricciona a percepção; é a fricção de duas pedras – *fiat lux*!

Não, quem lê não está imóvel, é puro dinamismo e motor. É como uma barriga grávida, num aceleradíssimo tempo de prenhez.

A leitura enfia-se no presente, fabrica o que virá. Quem lê é um da Vinci, diagramando os recursos recebidos, aplicando cor. E fazendo.

A importância primeira do ato de ler é essa negação da passividade, essa incondicional exigência de ação. É um ato de otimismo intrínseco.

(Tom Zé (músico). In: *Almanaque Brasil*. www.almanaquebrasil.
com.br/curiosidades-literatura/7171. Acesso em 11 jul. 2012.)

25 - (UFPR)

Compare os seguintes trechos extraídos dos textos “Conversando com os mortos” e “Sobre quem gosta de ler”:

-“Não, não estou falando do computador nem da transmissão de dados pela internet [...]”. (Schwartsman)

–“Não, quem lê não está imóvel, é puro dinamismo e motor”. (Tom Zé)

Em ambos os casos, os autores usam reiteradamente a negação para:

a) questionar possíveis inferências que o leitor possa fazer a partir de afirmações anteriores.

b) retificar afirmações feitas em trechos anteriores dos textos.

c) dar ênfase aos trechos, destacando sua relevância na exposição do ponto de vista dos autores.

d) inverter o sentido das frases, já que duas negações equivalem a uma afirmação.

e) responder questões formuladas pelos próprios autores ao longo dos textos.

TEXTO: 12 - Comum à questão: 26

O maior desejo dos brasileiros para o ano novo não é mais dinheiro. São mais valores.

Meio milhão de pessoas respondeu a uma consulta pública sobre o que é preciso para a vida melhorar. Em vez de “valores financeiros”, a resposta foi: valores de vida, valores éticos, valores humanos. Em breve, você vai saber mais sobre o que o Brasil está pedindo e sobre como ajudar no dia a dia a resolver os problemas de todos. Enquanto isso, comemore a chegada do ano novo e, principalmente, de um momento do país que acaba de começar.

Mostre seu valor

O MAIOR desejo dos brasileiros... Disponível em: <http://
inpgblog.files.wordpress.com/2010/04/mostre_valor1.gif>.
Acesso em: 12 maio 2014.

26 - (UEFS BA)

Considerando-se a análise dos aspectos linguísticos que estruturam o anúncio, é correto afirmar:

a) A expressão “O maior”, no contexto em que se insere, apresenta uma ideia de comparação, evidenciando uma relação entre elementos que são contraditórios.

b) O vocábulo “desejo” forma-se por meio de uma derivação imprópria, na medida em que ocorre uma mudança na sua classificação morfológica.

c) O termo preposicionado “dos brasileiros” especifica o nome “desejo”, explicitando o direcionamento ideológico desse povo.

d) O elemento coesivo “para”, em “para o ano novo”, evidencia uma ideia de direção, sugerindo a proposta de transformação diante da mudança temporal.

e) O modificador verbal “mais”, em “não é mais dinheiro”, intensifica o aspecto verbal, garantindo a verdadeira intenção dos indivíduos que participaram da pesquisa.

TEXTO: 13 - Comum à questão: 27

A metamorfose

Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano. Começou a mexer suas patas e viu que só tinha quatro, que eram grandes e pesadas e de articulação difícil. Não tinha mais antenas. Quis emitir um som de surpresa e sem querer deu um grunhido. As outras baratas fugiram aterrorizadas para trás do móvel. Ela quis segui-las, mas não coube atrás do móvel. O seu segundo pensamento foi: "Que horror… Preciso acabar com essas baratas…"

Pensar, para a ex-barata, era uma novidade. Antigamente ela seguia seu instinto. Agora precisava raciocinar. Fez uma espécie de manto com a cortina da sala para cobrir sua nudez. Saiu

pela casa e encontrou um armário num quarto, e, nele, roupa de baixo e um vestido. Olhou-se no espelho e achou-se bonita para uma ex-barata. Maquiou-se. Todas as baratas são iguais, mas as mulheres precisam realçar sua personalidade. Adotou um nome: Vandirene. Mais tarde descobriu que só um nome não bastava. A que classe pertencia? … Tinha educação? … Referências?... Conseguiu a muito custo um emprego como faxineira. Sua experiência de barata lhe dava acesso a sujeiras mal suspeitadas. Era uma boa faxineira.

Difícil era ser gente... Precisava comprar comida e o dinheiro não chegava. As baratas se acasalam num roçar de antenas, mas os seres humanos não. Conhecem-se, namoram, brigam, fazem as pazes, resolvem se casar, hesitam. Será que o dinheiro vai dar? Conseguir casa, móveis, eletrodomésticos, roupa de cama, mesa e banho. Vandirene casou-se, teve filhos. Lutou muito, coitada. Filas no Instituto Nacional de Previdência Social. Pouco leite. O marido desempregado… Finalmente acertou na loteria. Quase quatro milhões! Entre as baratas ter ou não ter quatro milhões não faz diferença. Mas Vandirene mudou. Empregou o dinheiro. Mudou de bairro. Comprou casa. Passou a vestir bem, a comer bem, a cuidar onde põe o pronome. Subiu de classe. Contratou babás e entrou na Pontifícia Universidade Católica.

Vandirene acordou um dia e viu que tinha se transformado em barata. Seu penúltimo pensamento humano foi: "Meu Deus! … A casa foi dedetizada há dois dias! …". Seu último pensamento humano foi para seu dinheiro rendendo na financeira e que o safado do marido, seu herdeiro legal, o usaria. Depois desceu pelo pé da cama e correu para trás de um móvel. Não pensava mais em nada. Era puro instinto. Morreu cinco minutos depois, mas foram os cinco minutos mais felizes de sua vida.

(Luis Fernando Veríssimo)

(*http://espirall-ltda.blogspot.com.br/2011/05/fome-depende-do-desperdicio.html. Acesso em 23/09/2014*

27 - (UEPA)

Observe o trecho: "**O marido desempregado... Finalmente acertou na loteria. Quase quatro milhões!**" Nele, não fica claro se foi a barata ou o marido dela quem ganhou na loteria, no entanto, temos na língua palavras que nos ajudam a clarear isso. Marque a alternativa cujo termo destacado nos indica, de fato, que foi a barata quem ganhou na loteria.

a) **Mas** Vandirene mudou. Empregou o dinheiro. Mudou de bairro. Comprou casa.

b) Passou a vestir bem, a comer bem, a cuidar onde põe o **pronome**.

c) Depois desceu pelo pé da cama e correu para trás de um **móvel**.

d) Subiu de classe. Contratou babás e **entrou** na Pontifícia Universidade Católica.

e) **Seu** último pensamento humano foi para seu dinheiro rendendo na financeira.

TEXTO: 14 - Comum à questão: 28

Seis razões para proteger a Terra

(Marcelo Gleiser*)

[1] Que a Terra é a nossa casa cósmica, todo mundo sabe, se bem que poucos prestam atenção a isso. [2] Nas tribulações do dia a dia, enquanto não há uma crise maior, é fácil esquecer a nossa dependência [3] completa e absoluta do nosso planeta. Afinal, está sempre aqui o chão sob nossos pés, a luz do Sol filtrada [4] pela atmosfera, o azul do céu, o clima agradável e perfeito para que possamos sobreviver nele.

[5] Mas, por trás disso tudo, existe um planeta extremamente especial e, sem ele, sem sua estabilidade [6] orbital e climática, não estaríamos aqui. Eis uma lista de razões para protegermos a Terra, um planeta sem [7] igual, ao menos dentro de um raio de centenas de anos-luz daqui.

[8] 1.Nossa atmosfera, rica em oxigênio, permite que seres com um metabolismo mais complexo [9] sobrevivam. É incrível que esse oxigênio todo tenha vindo de bactérias, os únicos habitantes que existiam [10] aqui no planeta durante quase 3 bilhões de anos. Foram elas que “descobriram” a fotossíntese, [11] transformando a composição da atmosfera terrestre. Agradeçam às cianobactérias pelo ar de cada dia.

[12] 2.Nossa atmosfera, rica em ozônio, filtra a radiação ultravioleta que vem do Sol, que é extremamente [13] nociva à vida. Interessante que esse ozônio é produto da vida e, ao mesmo tempo, permite que ela persista [14] aqui na superfície.

[15] 3.Nossa atmosfera tem a densidade justa para que seja possível uma enorme diversidade das formas [16] de vida. Se fosse pouco densa, seria difícil voar ou flutuar; se fosse muito densa, seria esmagadora.

[17] 4.O campo magnético da Terra funciona como um polo atrativo de partículas que vêm do Sol e do [18] espaço. Essa radiação toda seria extremamente prejudicial à vida, caso a Terra não fosse afunilada nos [19] polos. Por exemplo, estamos para receber um bocado de radiação por esses dias, produzida por uma enorme [20] tempestade magnética do Sol. Sem o magnetismo terrestre e nossa

atmosfera, estaríamos em maus lençóis. [21] Marte não tem esse magnetismo e tem uma atmosfera muito rala. Isso faz com que o planeta seja um tanto [22] hostil à vida.

[23] 5.A água que temos aqui é uma preciosidade; sem ela, não haveria vida. Não sabemos de onde veio [24] essa água toda, se bem que parte dela é oriunda de cometas que se chocaram com a Terra ainda em sua [25] infância. A água é nosso maior tesouro, e precisamos tratar muito bem dela. Esse é o século em que a água [26] se tornará num fator predominante de conflito global. Basta olhar para o planeta e ver a distribuição de [27] água. O que o petróleo fez com a geopolítica do século 20, a água fará com a dos séculos 21 e 22.

[28] 6.Nossa lua também é essencial. Por ser única e bastante maciça, ela regula e estabiliza o eixo de [29] rotação da Terra, mantendo sua inclinação de 23,5º com a vertical. Pense na Terra como um pião inclinado, [30] girando em torno de si mesmo. Sem a lua, esse eixo de rotação mudaria de ângulo aleatoriamente, e o clima [31] não poderia ser estável. E, sem um clima estável, a vida complexa acaba se tornando inviável.

[32] A lista continua, mas estamos sem espaço. De um jeito ou de outro, acho que dá para entender por [33] que precisamos proteger esse planeta. Somos produto dele, das suas condições. Se elas mudam, nossa [34] sobrevivência fica ameaçada.

*MARCELO GLEISER é professor de física teórica no Dartmouth College, em Hanover (EUA), e autor de "A Ilha do Conhecimento". Facebook: goo.gl/93dHI. (Disponível em: www1.folha.uol.com.br/colunas /marcelogleiser/2014, acesso em: 15 set. 2014. Adaptado.)

28 - (UNIMONTES MG)

O elemento "isso" (Ref. 1) é um marcador discursivo que

a) introduz a ideia posterior: a da nossa dependência completa e absoluta da Terra.

b) substitui o trecho que aparece anteriormente: "todo mundo sabe".

c) determina a retomada da ideia antecedente: a de que nosso planeta seja uma casa cósmica.

d) sintetiza todas as orações anteriormente apresentadas, nesse mesmo segmento.

TEXTO: 15 - Comum à questão: 29

Influenza A (Gripe Suína):

Se você esteve ou manteve contato com pessoas da área de risco e apresenta os seguintes sintomas:

- Febre alta repentina e superior a 38 graus.
- Tosse.
- Dor de cabeça.
- Dores musculares e nas articulações.
- Dificuldade respiratória.

Entre em contato imediatamente com o Disque Epidemiologia: **0800-283-2255.**

Evite a contaminação:

- Quando tossir ou espirrar, cubra sua boca e nariz com lenço descartável. Caso não o tenha utilize o antebraço. Se utilizar as mãos lave-as rapidamente com água e sabão.
- O uso de máscaras é indicado para prevenir contaminações.

BRASIL. Ministério da Saúde, 2009 (adaptado).

29 - (ENEM)

Os principais recursos utilizados para envolvimento e adesão do leitor à campanha institucional incluem

a) o emprego de enumeração de itens e apresentação de títulos expressivos.

b) o uso de orações subordinadas condicionais e temporais.

c) o emprego de pronomes como “você” e “sua” e o uso do imperativo.

d) a construção de figuras metafóricas e o uso de repetição.

e) o fornecimento de número de telefone gratuito para contato.

TEXTO: 16 - Comum à questão: 30

Texto 1

O MENINO QUE TINHA MEDO DE POESIA

(Pedro Gabriel – Março de 2014)

– *Mãe, acho que tem um poema debaixo da minha cama!*

Quando menino, a poesia me assustava. Parecia ter dentes afiados, pernas desajeitadas, mãos opressoras. E nem as mãos da professora mais dócil conseguiam me acalmar. Não compreendia uma palavra, uma metáfora, uma rima pobre, rica ou rara. Não entendia nada. Tentava adivinhar o que o poeta queria dizer com aquela frase entupida de imagens e sentidos subjetivos. Achava-me incapaz de pertencer àquilo. Não conseguia mergulhar naquele mundo. Eu, sem saber nadar em versos, afogava-me na incompreensão de um soneto; ela – a tão sagrada poesia – não me afagava e me deixava morrer na praia, entre um alexandrino e um heptassílabo.

Toda vez que eu era obrigado a decorar poesia, sentia vontade de sumir, de virar um móvel e ficar imóvel até tudo se acabar. Por dentro, sentia azia, taquicardia, asma espontânea, tremelique e gagueira repentina. Por fora, fingia que estava tudo bem. Eu sempre escolhia o poema mais curto da lista que a escola sugeria. Naquele dia, sobrou *Pneumotórax*, de Manuel Bandeira, e eu queria ser aquele paciente para não precisar declamá-lo. Eu queria tossir, repetir sem parar: trinta e três… Trinta e três… Ter uma doença pequena, uma desculpa qualquer, um atestado médico assinado pelo meu avô que me deixasse em casa – não a semana toda, mas só o tempo da aula.

Depois, para a prova de francês, não tive escolha: fui obrigado a decorar *Le dormeur du Val*, de Rimbaud. Eu lembro que, antes de ficar em pé de frente para o meu professor, eu queria que alguém me desse dois tiros no peito. Queria ser esse soldado e dormir, tranquilo, na paz celestial daquele vale até que a turma toda esquecesse a minha existência. Ou que a guerra fosse declarada finda. Ou que eu fosse declamado culpado. A Primeira Guerra Mundial parecia durar menos do que aqueles 15 minutos de exame. Minha boca está seca até hoje. Minhas mãos estão molhadas até agora. Só eu sei o que suei por você, querida Poesia.

Aos 17, a poesia ainda me apavorava. Podia ser o verso mais delicado do mundo, eu tinha medo. Podia ser o poeta mais simpático da face da Terra, eu desconfiava. Desconversava, lia outra coisa. Ou não lia nada. Talvez por não querer entendê-la. Talvez por achar não merecêla. E assim ficava à mercê da minha rebeldia. Não queria aprender a contar sílabas, queria ser verso livre. Tolo! Até a liberdade exige teoria!

Se hoje eu pudesse falar com aquele menino, diria-lhe que a poesia não é nenhum decassílabo de sete cabeças. Que se ela o assusta é porque ela o deseja. Que se ele sente medo é porque ele precisa dela. Não há mais monstro debaixo da sua cama. O monstro agora está em você.

– Filho, acho que tem um poema por dentro de quem você ama…

Disponível em: <*www.intrinseca.com.br/site/2014/.../**o-menino-que-tinha-medo-de-poesia***> . (texto adaptado) Acesso em: 29 Abr 2014

Texto 2

A MULHER QUE NÃO SENTE MEDO DE ABSOLUTAMENTE NADA

(Jeanna Bryner – Dezembro de 2010)

Você gostaria de não sentir medo? Pelo menos uma pessoa no mundo não tem medo de nada: uma mulher de 44 anos, que até ajudou pesquisadores a identificarem o local em que vive o fator medo no cérebro humano.

Os pesquisadores tentaram inúmeras vezes assustar a mulher: casas mal-assombradas, onde monstros tentaram evocar uma reação de rejeição, aranhas e cobras, e uma série de filme de terror apenas entreteram a paciente.

A mulher tem uma doença rara chamada síndrome de Urbach-Wiethe que destruiu sua amígdala. A amígdala é uma estrutura em forma de amêndoa situada no fundo do cérebro. Nos últimos 50 anos, estudos mostraram que ela tem um papel central na geração de respostas de medo em diferentes animais.

Agora, o estudo envolvendo essa paciente é o primeiro a confirmar que essa região do cérebro é responsável pelo medo nos seres humanos. A descoberta pode levar a tratamentos para transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Tratamentos de psicoterapia que seletivamente amorteçam a hiperatividade na amígdala podem curar pacientes com TEPT.

Estudos anteriores com a mesma paciente revelaram que ela não conseguia reconhecer expressões faciais de medo, mas não **se** sabia se ela tinha a capacidade de sentir medo. Para descobrir, os pesquisadores deram vários questionários padronizados à paciente, que sondaram os diferentes aspectos do medo, desde o medo da morte até o medo de falar em público.

Além disso, durante três meses ela carregou um diário que informatizava sua emoção, e que, aleatoriamente, pedia-lhe para classificar o seu nível de medo ao longo do dia. O diário também

indicava emoções que ela estava sentindo em uma lista de 50 itens. Sua pontuação média de medo foi de 0%, enquanto para outras emoções ela mostrou funcionamento normal.

Em todos os cenários, ela não mostrou nenhum medo. Baseado no seu passado, os pesquisadores encontraram muitas razões para ela reagir com medo. Ela própria contou que não gosta de cobras, mas quando entrou em contato com duas, não sentiu medo. Além disso, já lhe apontaram facas e armas, ela foi fisicamente abordada por uma mulher duas vezes seu tamanho, quase morreu em um ato de violência doméstica, e em mais de uma ocasião foi explicitamente ameaçada de morte.

O que mais se sobressai é que, em muitas destas situações a vida da paciente estava em perigo, mas seu comportamento foi desprovido de qualquer senso de desespero ou urgência. E quando ela foi convidada a lembrar como se sentiu durante as situações, respondeu que não sentiu medo, mas que se sentia chateada e irritada com o que aconteceu.

Segundo os pesquisadores, sem medo, pode-**se** dizer que o sofrimento dela não tem a intensidade profunda e real suportada por outros sobreviventes de traumas. Essencialmente, devido aos danos na amígdala, a mulher está imune aos efeitos devastadores do transtorno de estresse pós-traumático.

Mas há uma desvantagem: ela tem uma incapacidade de detectar e evitar situações ameaçadoras, o que provavelmente contribuiu para a frequência com que ela enfrentou riscos.

Os pesquisadores dizem que esse tipo de paciente é muito raro, mas para entender melhor o fenômeno, seria ótimo estudar mais pessoas com a condição.

Disponível em<:http://hypescience.com> (texto adaptado de http://www.livescience.com). Acesso em: 29 Abr 2014

Texto 3

CONSOADA

(Manuel Bandeira)

Quando a Indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria, ou diga:

— Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com os seus sortilégios.)

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar.

Disponível em: <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br> Acesso em: 29 Abr 2014.

Texto 4

AUTOSSABOTAGEM: O MEDO DE SER FELIZ

(Raphaela de Campos Mello – Outubro de 2012)

A cada passo dado você sente que a felicidade **se** afasta alguns metros? Talvez esteja, inconscientemente, queimando chances de se realizar. Repense as próprias atitudes para interromper esse ciclo destrutivo.

Por medo dos riscos e das responsabilidades da vida, podemos acabar inconscientemente com as nossas realizações. Isso **se** chama autossabotagem. São atitudes forjadas por uma parte de nós que não nos vê como merecedoras do sucesso ou que subestima nossa capacidade de lidar com a vitória.

Pode ser aquela espinha que apareceu no nariz no dia daquele encontro especial ou da gripe que a pegou na véspera daquela importante reunião.

"Muitos desses comportamentos destrutivos estão quase fora do domínio da consciência", afirma o psicólogo americano Stanley Rosner, coautor do livro O Ciclo da Auto- Sabotagem - Por Que Repetimos Atitudes que Destroem Nossos Relacionamentos e Nos Fazem Sofrer (ed. BestSeller).

"A autonomia, a independência e o sucesso são apavorantes para algumas pessoas porque indicam que elas não poderão mais argumentar que suas necessidades precisam ser protegidas", diz o autor.

O filósofo e psicanalista paulista Arthur Meucci, coautor de A Vida Que Vale a Pena Ser Vivida (ed. Vozes) comenta sobre os ganhos secundários. "Há jovens que saem de casa para tentar a vida, enquanto outros permanecem na zona de conforto, porque continuam recebendo atenção dos pais e **se** eximem de enfrentar as dificuldades da fase adulta", afirma.

O problema é que, ao fazermos isso, não nos desenvolvemos plenamente. "Todo mundo busca a felicidade, a questão é ter coragem de viver, o que significa correr riscos e assumir responsabilidades", diz ele.

Disponível em: <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias /autossabotagem-o-medo-deser- feliz.> (Texto adaptado). Acesso em 29 Abr 2014 3

Texto 5

O QUASE

(Sarah Westphal Batista da Silva)

Ainda pior que a convicção do não, e a incerteza do talvez, é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo que poderia ter sido e não foi. Quem quase passou ainda estuda, quem quase morreu ainda está vivo, quem quase amou não amou. Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos, nas chances que se perdem por medo, nas idéias que nunca sairão do papel por essa maldita mania de viver no outono.

Pergunto-me, às vezes, o que nos leva a escolher uma vida morna; ou melhor, não me pergunto, contesto. A resposta eu sei de cor, está estampada na distância e frieza dos sorrisos na frouxidão dos abraços, na indiferença dos “Bom Dia” quase que sussurrados. Sobra covardia e falta coragem até para ser feliz. A paixão queima, o amor enlouquece, o desejo trai.Talvez esses fossem bons motivos para decidir entre a alegria e a dor, mas não são. Se a virtude estivesse mesmo no meio termo, o mar não teria ondas, os dias seriam nublados e o arco-íris em tons de cinza. O nada não ilumina, não inspira, não aflige nem acalma, apenas amplia o vazio que cada um traz dentro de si.

Não é que fé mova montanhas, nem que todas as estrelas estejam ao alcance, para as coisas que não podem ser mudadas resta-nos somente paciência, porém, preferir a derrota prévia à dúvida da vitória é desperdiçar a oportunidade de merecer. Pros erros há perdão; pros fracassos,

chance; pros amores impossíveis, tempo. De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma. Um romance cujo fim é instantâneo ou indolor não é romance. Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo impeça de tentar. Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive já morreu.

Disp. em: <www.pensador.uol.com.br>. Acesso em: 29 Abr 2014.

30 - (IME RJ)

No título do texto 5, a palavra ***"quase"*** aparece precedida do artigo "**O".** Nesse contexto, o artigo tem a função de:

a) particularizar um substantivo.

b) atribuir intensidade à palavra ***"quase".***

c) mudar a classe sintática da palavra ***"quase"*** de adjunto adnominal para adjunto adverbial.

d) mudar a classe gramatical da palavra ***"quase"*** de advérbio para substantivo.

e) mudar o campo semântico da palavra ***"quase".***

TEXTO: 17 - Comum à questão: 31

Os nomes das coisas

Sírio Possenti

1°§ O tema é vasto. Eu poderia começar de várias maneiras. Por exemplo, citando o texto do Prof. Pasquale de hoje (14/08) na *Folha*, que critica os espíritos literalistas, que, por exemplo, acham que não se deve dizer "bater o pênalti", mas sim "bater o tiro livre direto".

2°§ Este exemplo bastaria, mas é razoável citar outros. Sujeitos que dizem este tipo de coisa são, em geral, pouco razoáveis. Se quisessem mesmo ser literais, teriam que dizer algo como "bater (n)a

bola”, e não “bater o tiro”. Mas, se eles se dessem conta disso, dar-se-iam (gostaram?) conta de muitas outras coisas, e as trevas começariam a desaparecer da face da Terra.

3°§ Todos os tempos são ricos em debates pobres deste tipo. Nos últimos tempos surgiram exemplos bem interessantes, e vale a pena escolher uma pequena amostra.

4°§ Vejam um comentário de Jânio de Freitas: “Se é para ficar em palavras, eis um acréscimo feito agora ao vocabulário jornalístico: os milicianos palestinos apanhados pelos israelenses são “presos”; o tenente israelense apanhado pelos palestinos é “sequestrado”.” (*FSP*, 05/08/2014). Sem necessidade de comentário.

5°§ Outro exemplo, uma verdadeira aula sobre o tema, que merece uma meditação, mesmo sem tomar partido. É um trecho de entrevista “[com] Issa Quarabe, Ministro palestino de Assuntos de Cativos e Libertos: *Pergunta*: – Palestinos chamam em árabe um homem preso de *cativo* e não de *prisioneiro*. Israel diz que são *terroristas*. Há uma divergência de visões? *Resposta*: – É claro. Os israelenses não os reconhecem como *prisioneiros políticos*; para eles, são *criminosos*. Como povo, consideramos esses homens *guerreiros da liberdade*. São pessoas que deram a vida pela causa. Nós nos recusamos a tratá-los como terroristas. (*FSP*, 14/04/2013).

6°§ Do “apartidário” Painel da *FSP* de 17/4/13: “O PT baixou ordem interna: a expressão *regulação da mídia* será substituída por *democratização da mídia*. O objetivo é evitar que se relacione a ofensiva petista à censura; mas os adversários chamam a isso de *regulação* ou de *censura*”. Nem comento a palavra *ofensiva*, da própria colunista, também “apartidária”.

7°§ Observação de Elio Gaspari: “Eremildo é um idiota e não está entendendo mais nada: quem toca fogo em carros no Brasil é *terrorista*. Em Kiev é *manifestante*. No máximo, quando estocam armas, são *manifestantes radicais*. Quando o Venezuelano Leopoldo Lopez entrega-se à Justiça de punho fechado, é *líder da oposição*. Para os comissários bolivarianos, ele é um terrorista legado aos *manifestantes* que incendiaram a entrada do Ministério Público de Caracas” (*Folha*, 23/02/2013).

8°§ Mas melhor exemplo talvez seja o seguinte, até por não ter conotações ideológicas claras. Um amigo mandou o *link* de uma notícia, da qual extraio (e traduzo rapidamente) uma parte:

9º§ *Muito se tem usado mal ou usado equivocadamente a palavra “literally” (literalmente). “Literally”, claro, significa algo que é realmente verdadeiro [...].Quando usamos as palavras sem seu sentido literal normal, significando algo mais interessante ou impressionante, a palavra correta é, claro, “figuradamente”.*

10°§ Mas as pessoas usam cada vez mais “literally” para enfatizar uma afirmação que não pode ser verdadeira, como “minha cabeça literalmente explodiu quando...”. A primeira definição de literally do Webster é “in a literal sense or matter; actually” (em um sentido ou questão literal; realmente). Sua segunda definição é “in effect; virtually.” (efetivamente; virtualmente). Sobre esta aparente contradição, os autores comentam:

Dado que algumas pessoas consideram o sentido 2 como oposto ao sentido 1, isso é frequentemente criticado como mau uso. No entanto, este uso é puramente hiperbólico e busca um ganho de ênfase, embora frequentemente apareça em contextos em que nenhuma ênfase adicional é necessária.

11°§ Uma conclusão geral: palavras mudam de sentido frequentemente, como o mostra o último exemplo. E palavras são disputadas, marcam posições culturais e/ou ideológicas, como o mostram os outros exemplos.

12°§ A única posição difícil de ser sustentada é a dos que acham que há usos corretos (as palavras referemse às coisas como elas realmente são) e errados (em geral tratados como ideológicos). Os que dizem isso pensam (pensam?) que não são “dominados” por ideologias. É bem engraçado.

(Adaptado de: <http://terramagazine.terra.com.br/blogdosirio/blog/2014/08/14/os-nomes-das-coisas/>. Acesso em: 14 ago. 2014.)

31 - (PUC MG)

Em todas as alternativas há marcas da interação do autor com o leitor, **EXCETO**:

a) Todos os tempos são ricos em debates pobres deste tipo. (3º §)

b) Os que dizem isso pensam (pensam?) que não são “dominados” por ideologias. (12º §)

c) Mas, se eles se dessem conta disso, dar-se-iam (gostaram?) conta de muitas outras coisas, e as trevas começariam a desaparecer da face da Terra. (1º §)

d) Vejam um comentário de Jânio de Freitas: “Se é para ficar em palavras, [...] (4º §)

TEXTO: 18 - Comum à questão: 32

Acompanhando o circo

[1] *Quando se fala em circo, hoje em dia, pode-se* [2] *pensar tanto no sofisticado Cirque du Soleil, em que se* [3] *mesclam habilidades pessoais com efeitos de* [4] *digitalização, como no heroico cirquinho que*

perambula [5] pelo interior do país, com sua lona furada e o elenco [6] reduzido a uma única família. Do salto mortal na praça [7] pública às acrobacias com direito a efeitos de raio laser, [8] muita história correu.

[9] Antes de haver o circo tal como o conhecemos – [10] espaço que congrega artistas e números variados – já [11] havia acrobatas, contorcionistas, equilibristas. Há [12] registros em pintura dessas práticas artísticas desde a [13] China de cinco mil anos atrás. Muitas delas eram [14] exercícios de guerreiros; com o tempo, passaram a se [15] sofisticar e a ganhar beleza e harmonia em exibições [16] públicas. Nas pirâmides do Egito existem pinturas de [17] malabaristas; na Índia, números de contorção e salto [18] fazem parte de milenares espetáculos sagrados. Entre [19] os gregos, os sátiros faziam o povo rir, atualizando a [20] linhagem dos palhaços. No Império Romano, teve [21] grande fama o Circus Maximus, com capacidade para [22] 150.000 pessoas. Suas atrações principais: corridas de [23] carruagens, lutas de gladiadores, engolidores de fogo, [24] apresentação de animais ferozes. Destruído por um [25] grande incêndio, deu lugar ao Coliseu, cujas ruínas [26] seguem sendo a grande atração na Roma dos turistas.

[27] No início da era medieval, com o fim do império dos [28] Césares, artistas populares passaram a improvisar apresentações [29] em praças públicas, feiras e largos de igreja: [30] nasciam assim as famílias dos saltimbancos, que [31] viajavam de cidade em cidade para apresentar números [32] cômicos, pirofagia, dança e teatro. É a origem do circo [33] moderno, que só em 1768, na Inglaterra, tomou a forma [34] que hoje todos reconhecemos. Inicialmente a atração [35] central eram números equestres, que passaram a se [36] alternar com o desempenho dos palhaços, dos [37] acrobatas, dos malabaristas, dos trapezistas. Monteiro [38] Lobato, em sua literatura infantil, ainda se refere, [39] genericamente, a “circo de cavalinhos”. O sucesso do [40] modelo inglês foi tão grande que essa forma de circo se [41] espalhou pelos quatro cantos do planeta.

[42] O circo brasileiro tropicalizou algumas atrações: o [43] palhaço brasileiro fala muito, ao contrário do europeu, [44] que é sobretudo um mímico. Além disso, é malicioso, [45] cultiva um humor picante e valoriza a malandragem [46] (esta já foi apontada como característica nacional em [47] mais de uma obra literária). Se os europeus apreciam a [48] habilidade dos artistas, os brasileiros sentem-se atraídos [49] pelos números mais perigosos.

[50] Ao longo de sua história, o circo foi incorporando [51] influências e recursos de outras artes. A dança, o teatro, [52] as técnicas do cinema e da TV, a digitalização, tudo [53] passa a constituir atração num espetáculo cuja tônica é [54] sempre a variedade. Boa parte da magia dos circos está [55] na exploração dos limites humanos da força muscular, [56] da destreza dos membros, do equilíbrio: o risco do [57] fracasso iminente é o tempero da exibição. Os mágicos [58] valem-se da ilusão de ótica ou de algum expediente da [59] química para estimular a fantasia do público. Os trapezistas [60] desenham no alto uma coreografia geométrica e [61] harmônica, provocando sustos e admiração. Muito [62] estimados pelo público, os números com animais são [63] fascinantes, mas há quem lembre o sacrifício que [64] representam para um leão, para um elefante ou para um [65] cachorrinho as

incontáveis horas de adestramento – a que não faltam a coerção e o castigo físico, entremeados com as “recompensas” de um torrão de açúcar ou um bolinho de carne.

Os modernistas da semana de 22, entre eles Mário de Andrade, estimavam o caminho popular e a descontração das artes circenses. O poeta Jorge de Lima escreveu um belo poema – “O grande circo místico” –, no qual Edu Lobo e Chico Buarque se basearam para compor a peça musical que tanto sucesso fez. É que o circo dá ensejo ao estabelecimento de um sem-número de tipos e personagens: a lírica bailarina, o gigante feroz, o administrador prepotente... Luzes, cores e músicas entram para sublinhar a força de cada número: o canhão de luz projeta-se no tríplice salto mortal nos trapézios, o repicar da percussão anuncia um momento culminante, os metais desafinados da bandinha acompanham as estripulias dos palhaços. Ou, no caso de um Cirque du Soleil, uma valsa de Strauss pode ser dançada por um casal suspenso no ar. É provável que a concorrência do cinema tenha obrigado as artes circenses a se inspirarem em Hollywood: há uma famosa cena de um filme de Fred Astaire em que esse grande bailarino dança nas paredes e no teto de uma sala.

No fundo de tudo isso, há o nosso fascínio pela força do imprevisível e pelas habilidades excepcionais. Para além do cotidiano, onde tudo parece estar em seu lugar, seduz-nos o talento excepcional, o que ocorre, aliás, com todas as artes. Os coelhos e os pombos que saem da cartola são de verdade, mas fazem parte de um truque. A água que se transforma em flores não é um fenômeno da química, certamente, embora o seja a combustão fosfórica do que parecia ser uma espada de ouro. A graça está em desafiar a lei da gravidade, subverter a fisiologia humana, questionar os limites da física. Ou, nos pequenos dramas e comédias que os circos populares costumavam encenar, misturar o riso e a paixão, satirizar o trágico, bombardear o poderoso, ridicularizar o ditador (quem não se lembra, no cinema, de Chaplin circense encarnando um Hitler que fica chutando a bola de um globo terrestre?). Parece que os pequenos circos interioranos, enfrentando sem recursos a concorrência das mídias eletrônicas que nos prendem aos monitores, estão com os dias contados. Representam esses sobreviventes a resistência heroica dos que ainda acreditam que as pessoas de carne e osso, em cena, exibindo suas habilidades num ato de presença, são em si mesmas uma atração essencial.

(Salvador Correia, inédito)

32 - (PUCCamp SP)

Certas expressões, ao restringirem o sentido de uma palavra ou de outra expressão, limitam a extensão do conteúdo da frase de que fazem parte. Nas frases abaixo, o elemento destacado que produz essa restrição é:

a) *Destruído por um grande incêndio, deu lugar ao Coliseu, cujas ruínas seguem sendo a grande atração na Roma* ***dos turistas***.

b) *nasciam assim as famílias dos saltimbancos, que viajavam* ***de cidade em cidade*** *para apresentar números cômicos, pirofagia, dança e teatro*.

c) *É a origem do circo moderno, que só em 1768, na Inglaterra, tomou a forma que hoje* ***todos*** *reconhecemos*.

d) *Se os europeus apreciam a habilidade dos artistas,* ***os brasileiros*** *sentem-se atraídos pelos números mais perigosos*.

e) *A dança, o teatro, as técnicas do cinema e da TV, a digitalização,* ***tudo*** *passa a constituir atração num espetáculo cuja tônica é sempre a variedade*.

TEXTO: 19 - Comum à questão: 33

"Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem".

Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 1977.

33 - (UNITAU SP)

No fragmento de texto, há uma economia linguística que reduz a colocação de vírgulas e que compõe um traço de estilo, além de conferir ao texto, juntamente com o tema, uma atmosfera de brasilidade. O recurso que garante tal efeito é

a) o uso da oralidade.

b) o uso da erudição.

c) o emprego de um vocabulário regional.

d) o emprego de neologismos.

e) o uso da norma culta.

TEXTO: 20 - Comum à questão: 34

Leia os dois textos abaixo os quais abordam um assunto em comum: miséria.

I “Vivia para a família. Falava pouco, tinha o semblante pensativo. Quando comia, muitas vezes a irmã tirava o melhor pedaço do seu prato para dar a uma das crianças, e ele sempre permitia. Mas seu trabalho e o da irmã eram insuficientes para sustentar uma família tão grande. A miséria aumentou. Certo ano, em um inverno rigoroso, Jean Valjean não encontrou trabalho. A família ficou sem pão. Sem pão. Exatamente como está escrito. Sete crianças. Em uma noite de domingo, o padeiro da aldeia ouviu uma pancada na vidraça gradeada. Correu. Chegou a tempo de ver um braço passando por uma abertura feita por um murro na vidraça. O braço pegou um pão. O padeiro perseguiu o ladrão, que tentava fugir. Era Jean Valjean.” (Cap.3. O Roubo)

II “Sem dinheiro, homem é preso após roubar leite para alimentar filha recém-nascida. Policiais ainda tentaram pagar o produto, mas a gerência de supermercado não aceitou. Um homem foi preso na tarde da segunda-feira, (29), acusado de roubo em um supermercado localizado em um dos trechos da Avenida Durval de Góes Monteiro, no bairro do Tabuleiro, parte alta de Macéio. Edilson José da Silva Júnior, 27, sem residência fixa, foi preso acusado de ter roubado três pacotes de leite em pó do estabelecimento. Em depoimento, na Central da Polícia, Edilson revelou que não tinha dinheiro e sem opção em conseguir alimento para uma filha recém-nascida, foi „obrigado‟ a roubar. Mas a versão do preso não sensibilizou a gerência do supermercado que não retirou a queixa e Edilson terminou autuado em flagrante pelo crime de roubo.”

(Disponível em: http://wwwriachueloemacao.blogspot.com.br/2012/10/ homem-foi-preso-apos-ter-roubado-uma.html. Acesso em: 02 jul.2013.)

34 - (UFPA)

Em contraste com o texto II, na estruturação do texto I, destacam-se:

a) a construção de oposições semânticas e o emprego recorrente de figuras de linguagem, como a metonímia.

b) a apresentação e a descrição das ações do personagem principal de maneira objetiva e sintética.

c) o emprego sistemático de orações coordenadas de forma a dar dinamismo às ações e emoções descritas.

d) o uso de períodos longos e de orações subordinadas gerando uma narrativa mais densa e elaborada.

TEXTO: 21 - Comum à questão: 35

A EDUCAÇÃO PELA SEDA

Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável.

Os conceitos a vestiram como uma segunda pele, e pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

Rosa Amanda Strausz *Mínimo múltiplo comum:* contos.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

35 - (UERJ)

pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

A expressão destacada reforça o sentido geral do texto, porque remete a uma ação baseada no seguinte aspecto:

a) vulgaridade

b) exterioridade

c) regularidade

d) ingenuidade

TEXTO: 22 - Comum à questão: 36

A MENTE QUE TUDO PODE

O médico me garante que a maioria de nossos males tem origem psicossomática. Talvez a totalidade, ele acrescenta. Do alto de sua longa experiência, garante que pessoas felizes não ficam de cama. Para comprovar a tese, relaciona tipos de personalidade com as doenças: os muito exigentes ficam hipertensos, os nervosos contraem dermatoses, os obsessivos desenvolvem câncer, os estressados sofrem acidentes cardiovasculares. A mente tudo pode. Mente?

O médico não está sozinho. Muita gente acredita que a mecânica newtoniana – a ação e a reação – se aplica à saúde humana com a mesma precisão que às maçãs em queda livre. Li um artigo sobre os males que acometeram pessoas famosas a partir da análise de suas cabeças, do tipo fulano morreu assim porque era assado (assados morreram muitos, porque ousaram pensar). Até parece que nossos miolos são imutáveis e possuem uma característica única, sem direito à tristeza, estresse, euforia, obsessão ou felicidade de vez em quando.

As listas de causa e efeito fazem as previsões de doenças *a posteriori*. Nunca antes dos sintomas. Que mal contrairá o desempregado que teme voltar para casa à noite e comunicar à família que nem biscate conseguiu? Como será hospitalizado o executivo que adora desafio e viciou em estresse? Posto de outra forma, por que uma senhora sem problemas familiares e financeiros, simpática, segura da vida eterna, contraiu um câncer que a matou com dores terríveis? Por que alguns bebês vêm ao mundo com leucemia? Por que indivíduos assumidamente infelizes chegam aos noventa anos infelizmente (para eles) bem de saúde? A satisfação, o amor e o sucesso vacinam contra o vibrião do cólera? Orgasmos múltiplos evitam a AIDS?

Enquanto o psicotudo se alastra, outros médicos destrinçam o genoma e descobrem relações cada vez mais convincentes entre a herança genética e o futuro da pessoa. Ou desvendam as reações químicas que os parasitas usam para penetrar nas células. Ou fazem cirurgias nos fetos.

A mente humana é poderosa, porém não pode tudo. Como disse Montaigne há séculos, ela cria milhares de deuses, mas não faz um rato. Com todo o arsenal de hoje, consegue mudar os roedores a partir do código genético existente. Criar mesmo, do nada, neca. Nem inteligência artificial. O mundo é bem maior do que a nossa imaginação.

Olho para o doutor com desconfiança, ele insiste que as gripes surgem através da queda imunológica devida ao estresse dos dias atuais. Pergunto-lhe por que os vírus não padecem do mesmo mal – ou por que derrotam as mentes psicologicamente equilibradas, bem tranquilas.

E mudo de médico.

GIFFONI, Luiz. http://blogdoluisgiffoni.blogspot.com.br/2015/07/
a-mente-que-tudo-pode.html?spref=fb. Acessado em: 22/07/2015.)

36 - (FCM MG)

Na frase do texto "O médico não está sozinho.", o uso do artigo definido "o" pode se justificar porque

a) determina um profissional em particular.

b) especifica uma categoria em ascensão.

c) generaliza essa classe profissional.

d) vulgariza esse simples especialista.

TEXTO: 23 - Comum à questão: 37

O EGOÍSMO GREGÁRIO COMO PRINCÍPIO DO REBANHO PÓS-MODERNO

[1] Estamos numa época de promoção do egoísmo, de produção de egos tanto mais cegos ou cegados [2] que não percebem o quanto podem hoje ser recrutados em conjuntos massificados. Em outras palavras, [3] vemos egos, isto é, pessoas que se creem iguais e que, na realidade, passaram a ficar sob o controle do [4] que se deve bem chamar “o rebanho”. Viver em rebanho fingindo ser livre nada mais mostra que uma [5] relação consigo catastroficamente alienada, uma vez que supõe ter erigido como regra de vida uma relação [6] mentirosa consigo mesmo. E, a partir daí, com os outros. Assim, mentimos despudoradamente aos outros, [7] àqueles que vivem fora das democracias liberais, quando lhes dizemos que acabamos – com algumas [8] maquininhas à guisa de presentes ou de armas nas mãos em caso de recusa – de lhes trazer a liberdade [9] individual; na realidade, visamos, antes de tudo, fazer com que entrem no grande rebanho dos [10] consumidores.

[11] Mas qual é, perguntarão, a necessidade dessa mentira? Por que precisamos fazer crer que somos [12] livres quando vivemos em rebanho? E por que precisamos fazer outros crerem que são livres quando [13] vamos colocá-los em rebanho? A resposta é simples. É preciso que cada um vá *livremente* na direção das [14] mercadorias que o bom sistema de produção capitalista fabrica para ele. Digo bem “livremente” pois, [15] forçado, resistiria. Ao passo que livre, pode consentir em querer o que lhe dizem que deve querer enquanto [16] cidadão livre. A obrigação permanente de consumir deve, portanto, ser redobrada por um discurso [17] incessante de liberdade, de uma falsa liberdade, é claro, entendida como permissão para fazer “tudo o que [18] se quer”. Esse duplo discurso é exatamente o das democracias liberais, descambem para a direita ou para [19] a esquerda. É pelo egoísmo que se deve agarrar os indivíduos para arrebanhá-los, pois é o meio mais [20] econômico e racional de ampliar sempre mais as bases do consumo de um conjunto de pessoas [21] permanentemente levadas para necessidades reais ou, quase sempre, supostas.

DUFOUR, Dany-Robert. *O divino mercado*: a revolução cultural liberal. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008. p. 23-24. (Adaptado).

37 - (UEG GO)

No texto, o uso da primeira pessoa do plural, alternadamente ao uso da terceira do plural, serve para dar suporte a uma oposição entre dois grupos:

a) as pessoas que têm acesso aos bens de consumo em geral, sendo livres para consumi-los ou não, e aquelas que vivem à margem da sociedade, sem acesso aos bens e às mercadorias produzidas pelo sistema capitalista.

b) aqueles que cultivam e exploram ao extremo as potencialidades da liberdade individual, assimilando os discursos e as práticas do capitalismo, e aqueles que, fora das democracias liberais, vivem em estado de mentira e alienação.

c) as pessoas que cultivam atitudes e comportamentos egoístas, cegadas pelos modos de subjetivação e ação individualistas, e aquelas que, motivadas por um ideal humanista, desenvolvem práticas e atitudes caridosas e benevolentes.

d) aqueles que vivem sob a égide das democracias liberais, que se consideram livres apesar de fazerem aquilo que é determinado socialmente, e aqueles que vivem fora das democracias liberais, considerados comumente como não livres.

TEXTO: 24 - Comum à questão: 38

Aprígio – Saia, Dália! (*Dália abandona o quarto, correndo, em desespero. Sogro e genro, face a face*) Vim aqui para.

Arandir (*para o sogro quase chorando*) – Está satisfeito?

Aprígio – Vim aqui.

Arandir (*na sua cólera*) – Está satisfeito? O senhor é um dos responsáveis. Eu acho que é o senhor. O senhor que está por trás...

Aprígio – Quem sabe?

Arandir – Por trás desse repórter. O senhor teve a coragem de. Ou pensa que eu não sei? Selminha me contou. Contou tudo! O senhor fez insinuações. Insinuações! A meu respeito!

Aprígio – Você quer me.

Arandir (*sem ouvi-lo*) – O senhor fez tudo! Tudo pra me separar de Selminha!

Aprígio – Posso falar?

Arandir (erguendo a voz) – O senhor não queria o nosso casamento!

Aprígio (*violento*) – Escuta! Vim aqui saber! Escuta! Você conhecia esse rapaz?

Arandir (*desesperado*) – Nunca vi.

Aprígio – Era um desconhecido?

Arandir – Juro! Por tudo que há de mais! Que nunca, nunca!

Aprígio – Mentira!

Arandir (*desesperado*) – Vi pela primeira vez!

Aprígio – Cínico! (*muda de tom, com uma Ferocidade*) Escuta! Você conhecia o rapaz. Conhecia! Eram amantes! E você matou. Empurrou o rapaz!

Arandir (*violento*) – Deus sabe!

Aprígio – Eu não acredito em você. Ninguém acredita. Os jornais, as rádios! Não há uma pessoa, uma única, em toda a cidade. Ninguém!

Arandir (*com a voz estrangulada*) – Ninguém acredita, mas eu! Eu acredito, acredito em mim!

Aprígio – Você, olha!

Arandir – Selminha há de acreditar!

Aprígio (*fora de si*) – Cala a boca! (*muda de tom*) Eu te perdoaria tudo! Eu perdoaria o casamento. Escuta! Ainda agora, eu estava na porta ouvindo. Ouvi tudo. Você tentando seduzir a minha filha menor!

Arandir – Nunca!

Aprígio – Mas eu perdoaria, ainda. Eu perdoaria que você fosse espiar o banho da cunhada. Você quis ver a cunhada nua.

Arandir – Mentira!

Aprígio – Eu perdoaria tudo. (*mais violento*) Só não perdoo o beijo no asfalto. Só não perdoo o beijo que você deu na boca de um homem!

Arandir (*para si mesmo*) – Selminha!

Aprígio (*muda de tom, suplicante*) – Pela última vez, diz! Eu preciso saber! Quero a verdade! A verdade! Vocês eram amantes? (*sem esperar a resposta, furioso*) Mas não responda. Eu não acredito. Nunca, nunca, eu acreditarei. (*numa espécie de uivo*) Ninguém acredita!

Arandir – Vou buscar minha mulher. (*Aprígio recua, puxando o revólver.*)

Aprígio (*apontando*) – Não se mexa! Fique onde está!

Arandir (*atônito*) – O senhor vai.

Aprígio – Você era o único homem que não podia casar com a minha filha! O único!

Arandir (*atônito e quase sem voz*) – O senhor me odeia porque. Deseja a própria filha. É paixão. Carne. Tem ciúmes de Selminha.

Aprígio (*num berro*) – De você! (*estrangulando a voz*) Não de minha filha. Ciúmes de você. Tenho! Sempre. Desde o teu namoro, que eu não digo o teu nome. Jurei a mim mesmo que só diria teu nome a teu cadáver. Quero que você morra sabendo. O meu ódio é amor. Por que beijaste um homem na boca? Mas eu direi o teu nome. Direi teu nome a teu cadáver.

(*Aprígio atira, a primeira vez. Arandir cai de joelhos. Na queda, puxa uma folha de jornal, que estava aberta na cama. Torcendo-se. abre o jornal, como uma espécie de escudo ou bandeira. Aprígio atira, novamente, varando o papel impresso. Num espasmo de dor, Arandir rasga a folha. E tomba, enrolando-se no jornal. Assim morre*.)

Aprígio – Arandir! (*mais forte*) Arandir! (*um último canto*) Arandir!

Cai a luz, em resistência, sobre o cadáver de Arandir. Trevas.

(RODRIGUES, Nelson. O beijo no asfalto. Rio de Janeiro:

Nova Fronteira, 1995. p. 101-104.)

38 - (PUC GO)

No teatro, as indicações entre parênteses são chamadas rubricas e são usadas para indicar gestos ou movimentos dos atores. Considerando-se essa informação, assinale a alternativa que revela corretamente a função da sequência de verbos – cair, puxar, abrir, rasgar, tombar, enrolar-se – que antecedem o verbo “morrer” na rubrica anterior à última fala de Aprígio, no excerto de O **beijo no asfalto**:

a) A disposição dos verbos em sequência contribui para criar, no leitor da peça, a expectativa de que Arandir, de alguma forma, escapará de seu fim trágico e terá um final feliz.

b) A sequência de eventos descritos por esses verbos antes do evento da morte de Arandir contribui para criar a atmosfera dramática exigida pela peça.

c) Os verbos de ação dão movimento ao texto, tornando- o dinâmico e muito mais adequado para um romance do que para uma peça de teatro.

d) As ações descritas, na rubrica em questão, têm a função de aproximar a peça de teatro do gênero poesia por meio do ajuste rítmico.

TEXTO: 25 - Comum à questão: 39

A gota que fez transbordar a caixa da paciência de vovó foi um casalzinho folgado. Cansada da algazarra, do som da sanfona, que por três dias e três noites vinha balançando os alicerces da Casa, vovó foi procurar refúgio na paz de seu quarto. Que paz que nada, ali também a festa rolava solta. Abismada, ela viu um casalzinho iniciando sua lua de mel, imaginem onde? Na cama de vovó! Pena que o urinol estivesse vazio. Furiosa, Ana Vitória pensou em apelar para o chicote. Depois seu pensamento voltou para os primeiros dias de seu casamento, lembrou-se da urgência que a fazia deixar tudo por fazer e ir atrás do marido no roçado. Viu a si mesma, viu os dois, ela e o marido, um casal corado e feliz se deitando debaixo de qualquer árvore. Dez meses após o casamento nasceu o primeiro filho, seguido de outros, um por ano. A leveza daquele início parecia tão distante, tão irreal. Uma lagrimazinha de saudade marejou seus olhos abatidos, rolou pela face cansada e foi morrer no peito murcho. Desanimada, ela pensou que nunca mais ia parar de ter filhos, de lavar bundinhas melecadas de cocô. Acabou deixando os pombinhos em paz, eles que aproveitassem a vida enquanto era possível. Mas avisou aos interessados que preferia perder um bom quinhão de suas terras a continuar convivendo com tamanha barafunda. Assim, a ideia remota da criação de um arraial foi posta em prática. Doações foram feitas e o terreno demarcado.

As construções começaram a nascer com a rapidez dos cogumelos. Primeiro a igreja com a torre central, beiral duplo em madeira recortada em bicos. Paredes azuis, janelas brancas. Feinha a pobre igreja, mas nem por isso desprezada. Talvez sua maior virtude estivesse na singeleza, no aconchego. A igrejinha era o orgulho do povoado. Sobre o altar feito por um carpinteiro caprichoso, a imagem de um Cristo cansado, a cabeça pensa, o olhar vazio. Descascado, ensanguentado, provocava nos fieis uma piedade quase dolorosa. Foi nessa igreja que meus pais me apresentaram ao Nosso Criador.

(BARROS, Adelice da Silveira. **Mesa dos inocentes**.
Goiânia: Kelps, 2010. p. 74-75.)

39 - (PUC GO)

A referenciação é o processo pelo qual um elemento linguístico remete a outro elemento. Considerando-se o processo de referenciação no texto, assinale a alternativa em que a palavra em destaque refere-se corretamente à Vovó:

a) “Nem por isso desprezada.”

b) “Ana Vitória pensou em apelar para o chicote.”

c) “Talvez sua maior virtude estivesse na singeleza.”

d) “ela viu um casalzinho iniciando sua lua de mel”.

TEXTO: 26 - Comum à questão: 40

Argumento (Paulinho da Viola)

Tá legal
Eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim
Olha que a rapaziada está sentindo a falta
De um cavaco, de um pandeiro
Ou de um tamborim.

Sem preconceito
Ou mania de passado
Sem querer ficar do lado
De quem não quer navegar
Faça como um velho marinheiro
Que durante o nevoeiro
Leva o barco devagar.

40 - (FGV)

No verso “Mas não me altere o samba tanto assim”, o pronome “me” não exerce função sintática alguma. Segundo a gramática da língua portuguesa, trata-se de um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da exortação feita. Constitui uso mais comum na linguagem coloquial.

Nas citações abaixo, todas extraídas de **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, esse recurso ocorre em:

a) Mano Brás, que é que você vai fazer? perguntou-me aflita.

b) ... estou farto de filosofias que me não levam a coisa nenhuma.

c) Mostrou que eu ia colocar-me numa situação difícil.

d) ... achou que devia, como amigo e parente, dissuadir-me de semelhante ideia.

e) Ânimo, Brás Cubas; não me sejas palerma.

TEXTO: 27 - Comum à questão: 41

É possível fazer educação de qualidade sem escola

É possível fazer educação embaixo de um pé de manga? Não só é, como já acontece em 20 cidades brasileiras e em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Decepcionado com o processo de “ensinagem”, o antropólogo Tião Rocha pediu demissão do cargo de professor da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e criou em 1984 o CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento).

Curvelo, no Sertão mineiro, foi o laboratório da “escola” que abandonou mesa, cadeira, lousa e giz, fez das ruas a sala de aula e envolveu crianças e familiares na pedagogia da roda. “A roda é um lugar da ação e da reflexão, do ouvir e do aprender com o outro. Todos são educadores, porque estão preocupados com a aprendizagem. É uma construção coletiva”, explica.

O educador diz que a roda constrói consensos. "Porque todo processo eletivo é um processo de exclusão, e tudo que exclui não é educativo. Uma escola que seleciona não educa, porque excluiu alguns. A melhor pedagogia é aquela que leva todos os meninos a aprenderem. E todos podem aprender, só que cada um no seu ritmo, não podemos uniformizar."

Nesses 30 anos, o educador foi engrossando seu dicionário de terminologias educacionais, todas calcadas no saber popular: surgiu a pedagogia do abraço, a pedagogia do brinquedo, a pedagogia do sabão e até oficinas de cafuné. Esta última foi provocada depois que um garoto perguntou: "Tião, como faço para conquistar uma moleca?" Foi a deixa para ele colocar questões de sexualidade na roda.

Para resolver a falência da educação, Tião inventou uma UTI educacional, em que "mães cuidadoras" fazem "biscoito escrevido" e "folia do livro" (biblioteca em forma de festa) para ajudar na alfabetização. E ainda colocou em uso termos como "empodimento", após várias vezes ser questionado pelas comunidades: "Pode [fazer tal coisa], Tião?" Seguida da resposta certeira: "Pode, pode tudo".

Aos 66 anos, Tião diz estar convicto de que a escola do futuro não existirá e que ela será substituída por espaços de aprendizagem com todas as ferramentas possíveis e necessárias para os estudantes aprenderem.

"Educação se faz com bons educadores, e o modelo escolar arcaico aprisiona e há décadas dá sinais de falência. Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender."

Sem pressa, seguindo a Carta da Terra e citando Ariano Suassuna para dizer que "terceira idade é para fruta: verde, madura e podre", Tião diz se sentir "privilegiado" de viver o que já viveu e acreditar na utopia de não haver mais nenhuma criança analfabeta no Brasil. "Isso não é uma política de governo, nem de terceiro setor, é uma questão ética", pontua.

(*Qsocial*, 09/12/2014. Disponível em http://www.cpcd.org.br/ portfolio/e_possivel_fazer_educacao_de_qualidade_100_escola/.)

41 - (UNICAMP SP)

Em relação ao trecho "*E ainda colocou em uso termos como 'empodimento', após várias vezes ser questionado pelas comunidades: 'Pode [fazer tal coisa], Tião?' Seguida da resposta certeira: 'Pode, pode tudo'*", é correto afirmar:

a) A expressão "Seguida da resposta certeira" indica a elipse de uma outra expressão.

b) A criação da palavra “empodimento” é resultado de um processo: sufixação.

c) A repetição do verbo no enunciado “Pode, pode tudo” exemplifica o estilo reiterativo do texto.

d) O discurso direto presente no trecho tem a função de dar voz às comunidades.

GABARITO:

1) Gab: E

2) Gab: A

3) Gab: D

4) Gab: D

5) Gab: A

6) Gab: A

7) Gab: D

8) Gab: C

9) Gab: B

10) Gab: A

11) Gab: C

12) Gab: A

13) Gab: D

14) Gab: B

15) Gab: A

16) Gab: A

17) Gab: A

18) Gab: B

19) Gab: D

20) Gab: D

21) Gab: A

22) Gab: C

23) Gab: D

24) Gab: C

25) Gab: A

26) Gab: C

27) Gab: E

28) Gab: C

29) Gab: C

30) Gab: D

31) Gab: A

32) Gab: A

33) Gab: A

34) Gab: C

35) Gab: B

36) Gab: C

37) Gab: D

38) Gab: B

39) Gab: B

40) Gab: E

41) Gab: A